

PECUÁRIA



Mosca-dos-estábulos volta a atacar

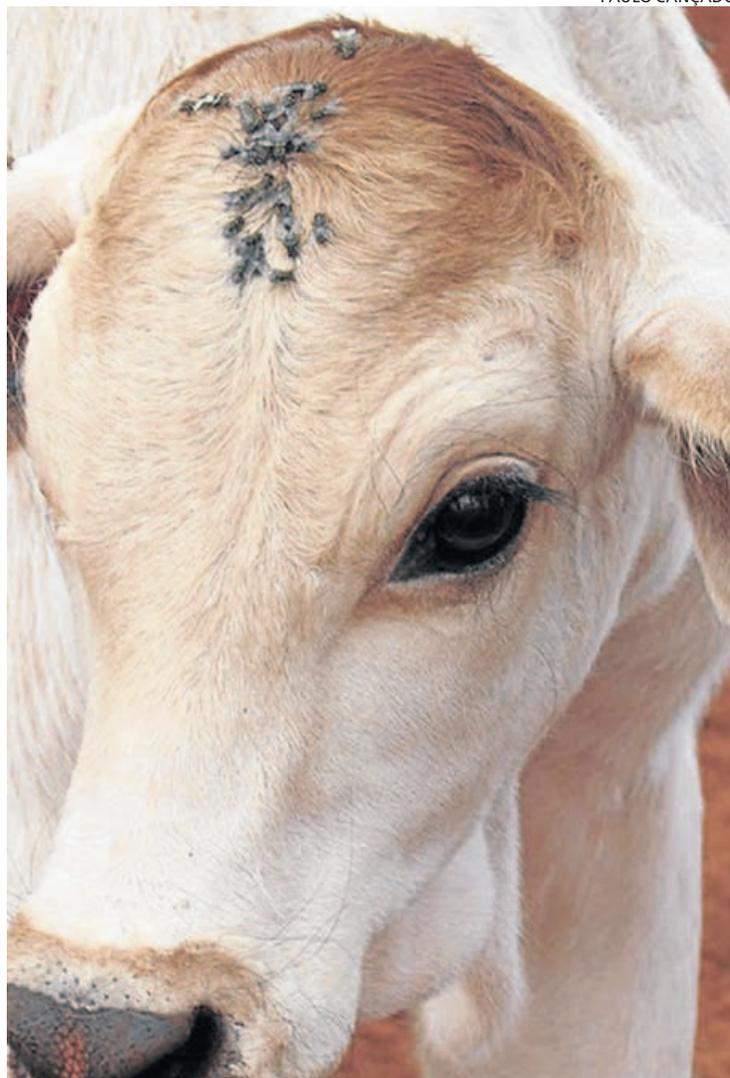
Surtos se repetem todos os anos e trazem prejuízos aos pecuaristas que têm áreas perto de usinas

DA REDAÇÃO

Os surtos por mosca-dos-estábulos continuam sendo um problema e causando prejuízos a pecuaristas que têm propriedades próximas a usinas de cana-de-açúcar. Nessas regiões, consideradas áreas de risco, os surtos se repetem todos os anos, sendo cinco os estados mais prejudicados: São Paulo, com mais de cem municípios afetados; Mato Grosso do Sul, com 12 municípios; Minas Gerais, com 8 municípios; seguidos por Goiás e Mato Grosso. O assunto foi tratado no 8º Workshop sobre Mosca-dos-Estábulo, voltado a técnicos de usinas de produção de açúcar e álcool, realizado pela Embrapa e Associação dos Produtores de Bioenergia de Mato Grosso do Sul (Biosul), em Campo Grande.

Segundo o pesquisador da Embrapa Gado de Corte e um dos palestrantes Paulo Cançado, também existem surtos não relacionados a usinas em estados como Pará, Bahia, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais. “Sempre que houver uma atividade de agricultura industrializada e, consequentemente, a geração de um grande volume de resíduos agrícolas, próximo à pecuária, existe o risco de surtos ocasionais de moscas-dos-estábulo, que usam os resíduos como ambiente para reprodução”, explica.

Além dos resíduos da fazenda, ambiente natural da mosca, o uso inadequado de adubos orgânicos, como a cama de frango, se transforma em ambientes propícios à reprodução dos insetos. Quando a



PAULO CANÇADO

Bezerro sendo atacado pelas moscas-dos-estábulo em propriedade

mosca sai da fazenda do pecuarista e vai para esses ambientes de resíduos agrícolas, onde não há atividade pecuária, ela tem a vantagem de não encontrar predadores naturais, como vespíngas, ácaros e predadores microscópicos (fungos e bactérias).

Na questão do controle químico da mosca-dos-estábulo, o pesquisador da Embrapa Gado de Corte Thadeu Barros, falou durante o workshop que, atualmente, é excessivo o uso de inseticidas por pecuaristas e, nas usinas, “uma

das consequências é a ampla disseminação de resistência a piretroides, como se observa, por exemplo, em Mato Grosso do Sul”.

Em fase de finalização de um projeto sobre controle químico da mosca, financiado pela Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado do Mato Grosso do Sul (Fundect), o pesquisador diz que a intenção é continuar esses estudos visando chegar o mais próximo possível da realidade, principalmente, das usinas que têm

produção em larga escala. “O objetivo é que, em curto prazo, possamos fazer algumas recomendações sobre esse controle químico”.

A consultora e doutora em Monitoramento e Combate à Mosca-dos-Estábulo Taciany Ferreira apresentou o trabalho desenvolvido desde agosto de 2016 na Usina Coruripe, em Campo Florido (MG). No trabalho, ela colocou em prática as informações obtidas durante uma pesquisa feita na Embrapa para controle e monitoramento populacional da mosca. Ela conta que, a partir de um conjunto de ações, também em parceria com pecuaristas, conseguiu obter resultados satisfatórios, com redução de 90% da população de moscas no período comparativo entre agosto de 2016 e agosto de 2017.

A MOSCA

De acordo com artigo escrito pelos pesquisadores Paulo Cançado e Thadeu Barros, a mosca-dos-estábulo (*Stomoxys calcitrans*) é comum em todo o País e se alimenta de sangue de vários animais, principalmente equinos e bovinos, além de animais silvestres e, eventualmente, o homem. Embora parasite outros animais de criação, os bovinos são os mais afetados, com perdas de 10% a 30% no ganho de peso e até 50% na produção leiteira. A estimativa é de que os prejuízos causados por essa mosca no Brasil podem atingir 350 milhões de dólares anualmente.

Embora as infestações sejam mais comuns em gado de leite, em razão do desenvolvimento das larvas da mosca em resíduos de alimentos e dejetos

animais acumulados nas propriedades, explosões populacionais (surtos) da mosca-dos-estábulo têm sido cada vez mais frequentes também em gado de corte.

Ainda de acordo com o texto, apesar dos anseios da sociedade, não existe solução para o problema no curto prazo. Embora comprovada a relação entre fazendas de gado e usinas alcooleiras na dinâmica dos surtos, vários aspectos importantes sobre a epidemiologia do inseto ainda são pouco conhecidos e precisam ser investigados. Nesse sentido, a Embrapa tem desenvolvido pesquisas visando tecnologias que permitam prevenir ou reduzir significativamente o problema.

O pesquisador Paulo Cançado explica que um dos motivos para a dificuldade no combate à mosca é o pouco conhecimento sobre o inseto, que nunca foi considerado um grave problema no mundo. A mosca-dos-estábulo passou a ser um problema grave a partir da industrialização da agricultura, o que é meio recente.

“No caso específico da cana-de-açúcar no Brasil, ocorre por conta da proibição da queima, no início dos anos 2000, e uma grande expansão da indústria de etanol, que aumentou muito a quantidade de usinas e a produção da cana-de-açúcar. Nos últimos 5 ou 6 anos, foi expressivo o aumento de produção de cana em MS, por exemplo. Como é uma questão nova, ainda não conta com tecnologias prontas, além de ter pouquíssimas pessoas trabalhando com pesquisa sobre a mosca-dos-estábulo”, finaliza o pesquisador.